

REVISITANDO O ESTATUTO PROSÓDICO E MORFOLÓGICO DE PALAVRAS PREFIXADAS DO PB EM UMA PERSPECTIVA DE RESTRIÇÕES

Luiz Carlos SCHWINDT¹

- RESUMO: Neste artigo, discutimos o estatuto prosódico e morfológico de palavras prefixadas em português brasileiro, numa perspectiva de restrições. Defendemos a hipótese de que prefixos se organizam em três tipos de configuração prosódica: incorporados, adjuntos ou compostos à base a que se ligam. A partir dos processos de ressilabação, vozeamento intervocálico, epêntese e assimilação da nasal, sustentamos a idéia de que o alinhamento entre categorias prosódicas e certas condições de estruturação da sílaba estão sobrepostas às condições de dominância, como exaustividade e não-recursividade da PW.
- PALAVRAS-CHAVE: Palavra Prosódica. Prefixos. Sílaba.

Introdução

Neste texto revisitamos a discussão em torno do estatuto prosódico e morfológico de prefixos no português brasileiro (PB), na perspectiva da Teoria da Otimidade (OT), originalmente proposta por McCarthy e Prince (1993a, 1993b) e Prince e Smolensky (1993). Nosso objetivo é explicar padrões alomórficos no prefixo e na palavra-base, a partir da relação entre unidades morfológicas e unidades prosódicas, sem fazer uso de expedientes derivacionais. Orientam nossa discussão, entre outros, os trabalhos de Nespor e Vogel (1986), Selkirk (1995), Booij (1996), Peperkamp (1997), Beckman (1998), Schwindt (2000) e Vigário (2001).

O mapeamento imperfeito de unidades morfológicas em unidades prosódicas e a obediência a princípios de boa formação de unidades prosódicas podem explicar muito do que se tem entendido classicamente por alomorfia. Neste texto, defendemos a idéia de que unidades morfológicas (afixos, radicais, palavras lexicais etc.) *ensejam* isomorfismo com unidades prosódicas (sílabas, pés, palavras fonológicas etc.) e que essa pressão se sobrepõe a condições de dominância envolvendo unidades prosódicas.

A OT é adequada para tratar de fenômenos dessa natureza, uma vez que admite que todas as restrições são universais – o que permite acomodar certos princípios representacionais – e violáveis – o que permite explicar por que esses princípios falham em sua aplicação sob determinadas condições.

¹ Pesquisador do CNPq. UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras - Departamento de Linguística Filologia e Teoria Literária. Porto Alegre - RS - Brasil. 91540-000 - schwindt@pq.cnpq.br

Nessa linha de raciocínio, retomamos nossa hipótese, desenvolvida anteriormente (SCHWINDT, 2000), de que prefixos monossilábicos inacentuados são sílabas adjuntas ou incorporadas à esquerda de uma base e de que prefixos acentuados são palavras fonológicas independentes. O diferencial da análise que ora propomos está em abrir mão de níveis derivacionais ou de classes de afixos. Assumimos de partida que as representações prosódica e morfológica, tomadas como domínios de restrições, são suficientes para explicar padrões alomórficos envolvendo a prefixação no português brasileiro (PB).

O texto está organizado da seguinte forma: na sequência desta introdução, discutimos de forma geral as configurações morfológica e prosódica de vocábulos prefixados em PB confrontadas com as condições de dominância prosódica; na seção seguinte, tratamos de processos que direta ou indiretamente podem constituir evidência para as configurações aqui defendidas; por fim, estão nossas conclusões acompanhadas de questões residuais.

Sobre a configuração morfológica e prosódica de prefixos no PB

Do ponto de vista morfológico, prefixos são afixos que se ligam à esquerda de uma base morfológica, que, no caso do PB, pode ser um radical em formação ou uma palavra lexical.

Do ponto de vista prosódico, a questão é mais complexa. Os prefixos do PB podem se configurar: (a) como uma sílaba átona à esquerda de outras sílabas, formando com estas uma só palavra fonológica (PW), num mecanismo de incorporação; (b) como uma sílaba átona à esquerda de uma PW, formando com ela uma PW recursiva, num mecanismo de adjunção; ou (c) como uma PW formada por uma ou duas sílabas, também se relacionando com outra PW e com ela formando uma PW recursiva, num mecanismo de composição prosódica². É o que está ilustrado a seguir.

- | | | |
|--------------------------------|---------------------------------------|---|
| (1) a. Prefixos incorporados | b. Prefixos adjuntos | c. Prefixos composicionais |
| $[\sigma + \sigma \dots]_{PW}$ | $[\sigma + [\sigma \dots]_{PW}]_{PW}$ | $[[\sigma (\sigma)]_{PW} [\sigma \dots]_{PW}]_{PW}$ |
| inscrito | desatado | pré-escola |

Pela formalização acima, podemos dizer que prefixos incorporados só conservam limite morfológico em relação à base; prefixos adjuntos e compostos, por outro lado, têm estrutura morfológica e prosódica delimitadas.

² Esta classificação está baseada em Schwindt (2000). Segundo essa análise, os argumentos que sustentam a afirmação de que alguns prefixos configuram-se como PWs independentes são o acento e a possibilidade de existirem isoladamente. Não os retomaremos aqui, por não constituírem foco deste artigo.

A **incorporação** é um mecanismo que não produz efeitos prosódicos diferentes daqueles que são produzidos no interior de qualquer vocábulo não-afixado na língua. Cabe, contudo, observar que temos ponto de vista diverso das análises que tratam os casos de incorporação de afixos como formações não-transparentes e, por isso, não passíveis de recuperação sincrônica (conforme COLINA, 1995; PEPPERKAMP, 1997; VIGÁRIO, 2001, entre outros).

Vigário (2001) assume o pressuposto de Villalva (1994), de que prefixos se relacionam com palavras morfológicas prontas. Tal afirmação conduz a autora à equivocada constatação de que prefixos que se relacionam com o radical não são transparentes. De fato, essa visão fica evidenciada na análise de Vigário (1994, p.178), quando a autora decide analisar tão-somente *re-e des-*, sob os seguintes argumentos:

Indeed, these prefixes (i) allow for the formation of new words, (ii) they often enter in constructions with compositional meaning, (iii) they often appear attached to morphological bases that correspond to existing words, (iv) they present regular phonological behavior.

Defendemos que, apesar de muitas formas prefixadas de fato já terem sido completamente lexicalizadas, não permitindo mais a segmentação entre prefixo e base, muitas outras são recuperáveis paradigmaticamente. É o caso, por exemplo, dos prefixos *in-*, *ex-* ou *trans-* nos vocábulos *inspirar*, *expirar* e *transpirar*. Nessas palavras, apesar de a base não existir isoladamente (nem mesmo com epêntese), os falantes parecem aptos a reconhecer seus prefixos³.

Associando os conceitos de produtividade / transparência, advindos da Morfologia Lexical (ARONOFF, 1976; BASÍLIO, 1980), à Fonologia Prosódica, sustentamos a idéia de que limites morfológicos são suficientes para garantir transparência – no sentido de reconhecimento de formas. Se assim não fosse, sufixos teriam todos de ser tratados como opacos, já que são, em sua maioria, incorporados à palavra prosódica-base⁴.

Diferentemente da incorporação, os casos de **adjunção** representam um problema para certos princípios que governam a dominância prosódica, quais

³ Esta é uma das formas de se depreender um prefixo a partir da análise do radical, segundo Câmara Junior (1977, p.198): “[...] quando esse radical só é forma presa, mas constitui a base de duas palavras, pelo menos, com prefixos distintos [...]”.

⁴ Podem-se discutir, ainda, critérios prosódicos que contribuam para a produtividade – no sentido de criação de novos vocábulos. Nessa perspectiva, acreditamos que unidades morfológicas transparentes que também concentrem algum tipo de proeminência prosódica serão também mais produtivas. Isso é verdadeiro em relação aos prefixos adjuntos / composicionais em contraste aos incorporados, mas é igualmente verdadeiro em relação à maior parte dos sufixos contrastados com os prefixos, já que os sufixos, por constituírem pauta acentual em português, são em geral produtivos.

sejam, a não-recursividade e a exaustividade. Esses princípios estão, em certa medida, incorporados na *Strict Layer Hypothesis* (NESPOR; VOGEL, 1986, p.7)⁵:

(2) *Strict Layer Hypothesis*

a. *A given non-terminal unit is composed of one or more units of the immediately lower category.*

b. *A unit of a given level is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is part.*

O mecanismo de adjunção de prefixos viola esse princípio, porque nele se admite que o radical é uma palavra prosódica encaixada noutra palavra prosódica maior, que inclui o prefixo (cf. (1b)), e, ademais, que uma mesma sílaba pode ser compartilhada pelas duas palavras superordenadas (cf. [de_gs+[a_gtado]PW]PW)⁶.

A literatura é farta em exemplos de violação a tais condições prosódicas⁷, que vêm sendo tratadas como restrições violáveis. Essa é a conduta que assumiremos, conforme se verá na seção destinada à análise desses casos.

Em nossa proposta para a **composição** também admitimos violação a recursividade (cf. (1c)) e, em casos de ressilabação, a exaustividade (cf. [[supe_gr+[a_gmigo]]]). Não nos dedicaremos, porém, à composição neste texto, por limitações de espaço. Considerando o fenômeno, contudo, da recursividade, sinalizamos para o fato de que, uma vez que a categoria superordenada às duas bases prosódicas é uma palavra prosódica, a diferença entre composição com prefixos e composição propriamente dita torna-se um problema de caráter exclusivamente morfossintático (o que daria conta, por exemplo, de compostos poderem sofrer flexão em seus dois membros, enquanto formas prefixais não estão sujeitas a esse processo). Por outro lado, com esse recurso, toda composição, inclusive a prefixal, seria diferenciada de frases sintáticas pela dominância prosódica (além da morfossintática), uma vez que estas últimas são PWs dominadas por uma frase fonológica e não por uma PW recursiva.

⁵ Para uma crítica nesse sentido, ver Peperkamp (1997). A autora aponta que a segunda cláusula da *Strict Layer Hypothesis* não cobre nenhuma das quatro condições de dominância prosódica (*Layeredness, Headedness, Nonrecursivity and Exhaustivity*), o que a torna menos indispensável.

⁶ A violação a *Strict Layer Hypothesis* existe aqui também se considerarmos que a categoria Pé intermedeia a relação entre PW e σ . Não discutiremos essa questão, contudo, neste texto, já que a categoria Pé é dispensável em nossa descrição (nesse sentido, ver ITÔ e MESTER, 1992).

⁷ Confira Inkelas (1989), Itô e Mester (1992), McCarthy e Prince (1993a, 1993b), Selkirk (1995), Peperkamp (1997), Schwindt (2000), Vigário (2001), entre outros.

Processos fonológicos envolvendo o limite entre PW e prefixo no PB

Firmada nossa hipótese mais básica sobre a configuração morfológica e prosódica de prefixos, é preciso sustentá-la com fenômenos fonológicos que atingem tais formas. Os fenômenos que abordaremos aqui são a ressilabação, o vozeamento intervocálico, a epêntese e a assimilação da nasal. Nossa análise focará especialmente os prefixos monossilábicos inacentuados, que constituem *locus* para esses processos de forma categórica.

Ressilabação

É próprio do português o processo de ressilabação entre radicais e afixos, sejam eles prefixos ou sufixos. No caso do português, porém, nem todos os prefixos estão sujeitos a ressilabar-se com a base a que se ligam. Observem-se os dados a seguir.

- (3) a. su.blime *mas* *sub.lime
 b. sub.locar *mas* *su.blocar

Em (3a) estamos diante de um caso de ressilabação no interior do radical. A língua opta por construir um onset complexo em lugar de ter uma coda malformada; em (3b), inversamente, diante da fronteira entre prefixo e PW, observa-se uma preferência da língua pelo afrouxamento da condição de coda (BISOL, 1999) em detrimento da formação de um onset complexo.

Este exemplo ilustra bem o que se entende por adjunção prosódica, pois o fato de não haver ressilabação na forma prefixada é evidência de um limite de palavra prosódica entre prefixo e base. Em termos otimalistas, podemos dizer que uma restrição que impõe exaustividade, isto é, que quer que a borda esquerda da PW coincida com uma sílaba, concorre com uma restrição de estrutura silábica, que rejeita codas obstruintes.

(4) ALIGN(PW,L; σ ,L): Alinhe a borda esquerda de uma palavra prosódica à borda esquerda de uma sílaba (PEPERKAMP, 1997).

(5) CODA-COND_{PB}: Codas do PB são [-vocálico,+soante] ou [-soante,+contínuo,+coronal] (LEE, 1999).

(6) ALIGN(PW,L; σ ,L) >> CODA-COND_{PB}⁸

	/sub+locar/	ALIGN(PW,L; σ ,L)	CODA-COND
	a.[su.b+[locar] _{PW}] _{PW}	*!	
☞	b.[sub+.[locar] _{PW}] _{PW}		*

No *tableau* em (6), vemos que o candidato a. é excluído por rressilabar-se com a base, violando exaustividade; o candidato b. é considerado ótimo por respeitar este princípio, apesar de constituir uma coda ruim na língua.

Podemos nos perguntar se um candidato com incorporação do prefixo não seria preferido aos candidatos apresentados no *tableau* em (6). A resposta é negativa, pois, em nossa análise, estamos entendendo que a restrição que exige alinhamento entre a borda esquerda de palavras lexicais e a borda esquerda de PWs está bastante alta na hierarquia e acima da proibição à recursividade⁹. Essas restrições são definidas a seguir.

(7) ALIGN(Lex,L;PW,L): Alinhe a borda esquerda de uma palavra lexical à borda esquerda de uma palavra prosódica (adaptado de Selkirk, 1995)¹⁰.

(8) NONREC_{PW}: Palavras prosódicas não são recursivas (SELKIRK, 1995).

(9) ALIGN(Lex,L;PW,L) >> NONREC_{PW}

	/sub+locar/	ALIGN(Lex,L;PW,L)	NONREC _{PW}
	a.[su.b+locar] _{PW}	*!	
☞	b.[sub+.[locar] _{PW}] _{PW}		*

O *tableau* em (9) mostra a prevalência do alinhamento entre morfologia e prosódia sobre a condição de dominância prosódica que proíbe recursividade.

Até aqui, nesta seção, tratamos de um caso em que o candidato prefixado rressilabado não é o escolhido. Isso poderia levar à conclusão equivocada de que estruturas de adjunção não estão sujeitas a rressilabação. Não é o que queremos defender. Entendemos que muitas vezes a rressilabação ocorre, apesar da adjunção, resultando numa violação à exaustividade, em favor de restrições boa-formação silábica. É o caso que ilustramos a seguir, fazendo uso da restrição ONSET.

⁸ Usamos os símbolos [] e . para indicar limites prosódicos nos candidatos, e + e # para indicar limites morfológicos, ainda que esses últimos apenas reproduzam a informação do input, em respeito ao princípio de Consistência de Exponência.

⁹ Este ponto de vista que assumimos é divergente da análise de Peperkamp (1997). A autora, apesar de argumentar em favor da violação a exaustividade, propõe que, tratando-se de derivação, a restrição ALIGN(PW,L; σ ,L) está, em nível lexical, não ranqueada em relação a ALIGN(Stem,L;PW,L) e, em nível pós-lexical, acima desta. Isso tem como resultado que o candidato ótimo nunca viola exaustividade de fato, e impõe à análise a necessidade de reestruturação da PW, pós-lexicalmente. Assim, rressilabação passa a ser produto de desencontro entre a fonologia e a morfologia desse nível.

¹⁰ Em nossa concepção, palavra lexical não se confunde com palavra morfossintática. Trata-se de uma unidade de sentido mais do que um átomo sintático.

(10) ONSET: Sílabas têm onset (PRINCE; SMOLENSKY, 1993).

(11) ONSET >> ALIGN-L(PW,L; σ ,L)

	/des+organizado/	ONSET	ALIGN-L(PW,L; σ ,L)
	a. [des+.[organizádo] _{PW}] _{PW}	*!	
☞	b. [de.s+[organizádo] _{PW}] _{PW}		*

Peperkamp (1997), fazendo uso de uma OT serial, concebe a ressilabação sempre como fenômeno pós-lexical. Trata-se de uma estratégia para não lidar com a violação a *Strict Layer Hypothesis* em nível lexical, isto é, ao assumir que a ressilabação é tardia, propõe que a palavra fonológica é reestruturada, de tal forma que o produto da ressilabação está coberto pela nova palavra formada (cf. [i.[nelegante]_{PW}]_{PW}). A autora admite, porém, que palavras fonológicas sejam recursivas já em nível lexical. Numa tentativa de não fazer uso de níveis, divergimos dessa análise, e concebemos que exaustividade é violada para preservar o isomorfismo entre a borda esquerda da PW com uma palavra lexical. Concebendo-se restrições universais e violáveis, *Strict Layer* permanece sendo uma demanda da representação de unidades prosódicas, mas, assim como sílabas podem violar princípios internos de boa-formação em função de exigências de natureza morfológica (sílabas sem onset ou com coda ou com estruturas complexas), também nos parece possível que palavras fonológicas possam violar algumas condições, como recursividade e exaustividade.

Vozeamento intervocálico

O português conta com um processo, bastante comum nas línguas do mundo, que vozeia consoantes entre duas vogais. Esse processo, contudo, não é verificado em todas as formas prefixadas. Observemos os exemplos a seguir.

- (12) a. de.zorganizado *mas* *de.sorganizado
 b. re.socializar *mas* *re.zocializar

Os exemplos de (12) constituem argumento para defender que o limite entre a PW e o prefixo está relacionado ao fenômeno de vozeamento.

Explicamos a aplicação do processo em (12a), fazendo uso de uma restrição de marcação que exige vozeamento intervocálico competindo com uma restrição de fidelidade do traço [vozeado].

- (13) *VsV: Consoantes desvozeadas são proibidas entre vogais (PEPERKAMP, 1997).

(14) IDENT[voice]: Segmentos do output preservam valores para o traço [vozeado] de seus correspondentes no input (McCARTHY; PRINCE, 1994).

(15) *VsV >> IDENT[voice]

	/des+organizado/	*VsV	IDENT[voice]
☞	a. [de.z+[organizado] _{PW}] _{PW}		*
	b. [de.s+[organizado] _{PW}] _{PW}	*!	

Para explicar (15b), precisamos de uma restrição mais alta que limite a ação de *VsV. Esta restrição deve fazer referência à posição inicial da PW, que se mostra mais preservadora do que a posição final do prefixo. Nesse sentido, uma restrição de fidelidade posicional precisa ser chamada.

(16) IDENT-[_{PW}voice]: O primeiro segmento da PW preserva o valor para o traço vozeado de seu correspondente no input. (adaptado de Beckman, 1998).

(17) IDENT-[_{PW}voice] >> *VsV >> IDENT[voice]

	/re+socializar/	IDENT-[_{PW} voice]	*VsV	IDENT[voice]
☞	a. [re+.[socializar] _{PW}] _{PW}		*	
	b. [re+.[socializar] _{PW}] _{PW}	*!		*

Graças ao limite de PW existente entre o prefixo e a base, o candidato (17a), o atestado na língua, é o escolhido. Observe-se que a restrição IDENT-[_{PW}voice] não teria papel sobre (15), haja vista o desencontro entre o limite esquerdo da PW e o início da sílaba, o que faz com que [s] ou [z] não possam ser interpretados como o primeiro segmento da PW¹¹.

Epêntese

Outro fenômeno envolvendo prefixos que fortalece a hipótese da presença de um limite de PW entre prefixo e base é a epêntese.

Em primeiro lugar, retomamos nossa hipótese, a mesma de Harris (1983) para o espanhol, de que palavras iniciadas por [esC] são, em sua maioria, produto de epêntese sincrônica¹².

- (18) a. i.nestimável *mas* *ins.timável
 b. de.zestimulado *mas* *des.timulado

¹¹ A restrição IDENT σ-1[F], proposta por Beckman (1998), que faz menção à posição inicial da raiz, resolveria igualmente o problema aqui apresentado. Queremos, contudo, defender a idéia de que o limite responsável pela superficialização da forma do input é, em nosso caso, o da PW.

¹² Para um detalhamento dessa discussão, ver Collischonn e Schwindt (2005).

O uso de limites prosódicos permite abrir mão de níveis derivacionais, em que a epêntese seria adicionada antes da prefixação. Nesse caso, precisamos de uma restrição que proíba palavras iniciadas por *[sC...]. Essa restrição, posicionada acima de DEP, fará emergir a epêntese.

(19) *[sC...]_{PW}: Sequências de sC são proibidas no início da PW (PEPERKAMP, 1997).

(20) DEP: Segmentos do output devem ter correspondentes no input (McCARTHY; PRINCE, 1995).

(21) *[sC...]_{PW} >> DEP

	/in+sperado/	*[sC...] _{PW}	DEP
	a. [in+[s.perado] _{PW}] _{PW}	*!	
☞	b. [i.n+[es.perado] _{PW}] _{PW}		*

No caso da prefixação, todavia, encontramos formas sem essa epêntese. (cf. *ins.pirar* mas **i.nes.pirar*). Defendemos a hipótese de que as formas sem epêntese caracterizam-se como formas prosodicamente incorporadas, diferentemente das formas com epêntese, que, como vimos, são produto de adjunção. As formas incorporadas estariam protegidas da restrição *[sC...]_{PW} por a borda esquerda do radical não constituir limite de PW. Como contra-argumento, um contraditor poderia explorar a possibilidade de escandir [spirar] como uma base prosódica. Essa forma seria banida, porém, por uma restrição alta na hierarquia, ALIGN (PW, L; Lex, L), o reverso de (7), uma vez que [spirar], apesar de ser um radical, não constitui uma palavra lexical, já que esta forma não existe isoladamente (nem mesmo com epêntese)¹³.

Assimilação da nasal

Em PB, ao se juntar um prefixo fechado por uma nasal com uma base iniciada por uma consoante [+soante], a nasal é, no mais das vezes, apagada.

(22) a. in.capaz *mas* *i.capaz
 b. i.letrado *mas* *in. letrado

O que se observa em (22a, b) é um fenômeno alomórfico que parece ter sua explicação no Princípio do Contorno Obrigatório (GOLDSMITH, 1976). Esse princípio, que proíbe seqüência de segmentos idênticos adjacentes, por mostrar-se violável em diversas línguas, recebeu a feição de restrição, na perspectiva da

¹³ A forma [espirar] não é o produto de [spirar] mais epêntese inicial, mas uma forma prefixada por *ex-*.

OT. Essa restrição, em competição com uma restrição que proíbe apagamentos, dá conta do fenômeno observado em (22b).

(23) OCP[son]: Sequências de consoantes [+soante] são proibidas.

(24) MAX: Segmentos do input devem ter correspondentes no output (McCARTHY; PRINCE, 1995).

(25) OCP[son] >> MAX

	/in+letrado/	OCP[son]	MAX
	a. [in+.letrado] _{PW} PW	*!	
☞	b. [i.+letrado] _{PW} PW		*

Em relação ao *tableau* em (25), é importante frisar que a direção da assimilação, que apaga sempre o elemento da esquerda, parece ser forçada por uma restrição, não abordada aqui, que exige fidelidade ao primeiro segmento da PW, talvez numa versão mais radical de (16), IDENT-_[PW][voice].

Há casos, todavia, de anexação de prefixo fechado por nasal que não provocam assimilação da nasal, como em *enlatado*. Apesar de esse ser um caso de incorporação, parece-nos estranho atribuir a assimilação justamente ao contexto de fronteira de PW e a preservação da nasal ao contexto interno à PW. Entretanto, cabe observar que o prefixo *en-*, diferentemente de *in-*, forma um tema com o radical (simbolizado aqui pelo símbolo #) e, só depois, permite a sufixação. Observe-se a comparação a seguir.

- (26) a. *enlata#do* *mas* *en+latado
 b. *i+letrado* *mas* *iletra#do

O exemplo (26a) mostra que o prefixo *en-* junta-se ao tema verbal de *enlatar*, ao passo que o exemplo de (26b) mostra que *in-* junta-se à forma já sufixada. Postulamos que uma restrição prevendo a preservação de elementos do tema possa estar ranqueada acima de OCP[son] fazendo com que a seqüência de soantes não seja bloqueada no caso de *en-*.

(27) MAX_{THEME} (restrição ad hoc): segmentos do tema verbal presentes no input têm correspondente no output¹⁴.

¹⁴ A preservação da nasal, no caso de palavras prefixadas por *en-*, pode estar restrita à nasalização da vogal, o que não ocorre com *in-*. Sobre isso, sugerimos ver Cagliari (1977), Bisol (1998) e Battisti (1997).

(28) $MAX_{THEME} \gg OCP[son]$

	/en+lat#do/	MAX_{THEME}	OCP[son]
☞	a. [en+.lata#do] _{PW}		*
	b. [e.+lata#do] _{PW}	*	

Além disso, a descrição aqui proposta deixa claro que não poderia haver entre o prefixo *en-* e a base a que ele se liga um limite de PW, pois a restrição $ALIGN(Lex,L;PW,L)$, bastante alta na hierarquia, baniria um candidato com tal configuração, uma vez que *latado não constitui uma palavra lexical. O mesmo não se pode dizer de *letrado*, em *iletrado*, o que sinaliza para evidência contrária: a de que estamos, no caso de *in-*, diante de uma adjunção prosódica.

Palavras finais e questões residuais

Neste texto, sustentamos a hipótese de que prefixos se organizam em três tipos de configuração prosódica: incorporados, adjuntos ou compostos à base a que se ligam. Fizemos uso da perspectiva da OT para alimentar a discussão, defendendo a idéia de que o alinhamento entre morfologia e fonologia e certas condições de estruturação da sílaba estão sobrepostas às condições de dominância envolvendo exaustividade e não-recursividade da PW. O ranking resultante dessa discussão é o seguinte:

(29) Ranking final sugerido
 $ALIGN(Lex,L;PW,L)$, $ONSET \gg ALIGN(PW,L; \sigma,L) \gg CODACOND_{PB}$
 $IDENT[{}_{PW}[voice] \gg *VsV \gg IDENT[voice], *{sC...}]_{PW} \gg DEP, MAX_{THEME} \gg$
 $OCP[son] \gg MAX \gg NONREC_{PW}$

A maior parte dos argumentos apresentados diz respeito à defesa do limite de palavra prosódica entre prefixo e base, o que diferencia a adjunção da incorporação, mas também a composição desta última.

Buscamos evidências nos processos de ressilabação, vozeamento intervocálico, epêntese e assimilação da nasal. Outros processos, porém, de natureza variável, não foram abordados, como por exemplo, a elevação (quase categórica) que ocorre em PB da vogal *e* em início de palavra (cf. *examinar* ~ [i]xaminar, *encontrado* ~ [i]ncontrado). O fato é que essa vogal se eleva também depois de prefixos (cf. *dez[i]ncontrado*, *re[i]zaminar*). Numa perspectiva derivacional, esse ordenamento esbarra num paradoxo: como apagar o limite de palavra fonológica antes de elevar a vogal, mas como elevá-la no léxico se o fenômeno é de natureza variável? Esse problema não existe na TO e pode ser bem encaminhado se assumirmos a adjunção prosódica.

Não tratamos também crucialmente da composição, por entendermos que, em muitos sentidos, aproxima-se da adjunção, com a diferença de que os processos que dizem respeito à junção de duas PWs são todos de natureza variável e, por isso, merecem um estudo em separado.

SCHWINDT, L. C. Revisiting the Prosodic and Morphologic Status Of Brazilian Portuguese Prefixed Words in a Constraint-Based Approach. *Alfa*, São Paulo, v.52, n.2, p.391-404, 2008.

- *ABSTRACT: In this paper, we discuss the prosodic and morphologic status of Brazilian Portuguese prefixed words in a constraint-based approach. We defend that prefixes can be attached to their prosodic bases by composition, adjunction or incorporation. Considering evidences from processes like resyllabification, intervocalic voicing, epenthesis, and nasal assimilation, we propose that the alignment between prosody and morphology and some syllable structure constraints are higher ranked than constraints referring to prosodic word dominance, such as exhaustiveness and nonrecursiveness.*
- *KEYWORDS: Prosodic Word. Syllable. Prefixes.*

Referências

ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: MIT Press, 1976.

BASÍLIO, M. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BATTISTI, E. *A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos: uma abordagem baseada em restrições*. 1997. 187f. Tese (Doutorado em Letras)-Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

BECKMAN, J. N. *Positional Faithfulness*. 1998. 273f. Dissertation (Doctor of Philosophy) – College of Humanities & Fine Arts, University of Massachusetts Amherst, Amherst, 1998.

BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1999. v. VII, p. 701-742.

_____. A nasalidade, um velho tema. *DELTA*, São Paulo, v.14, p. 24-46, 1998. Número especial.

BOOIJ, G.E. Cliticization as prosodic integration: the case of Dutch. *The Linguistic Review*, Berlin, n.13, p.219-242, 1996.

CAGLIARI, L. C. *An experimental study of nasality with a particular reference to Brazilian Portuguese*. 1977. 319 f. Dissertation (Doctor of Philosophy)-University of Edinburgh, Edinburgh, 1977.

CÂMARA JUNIOR, J. M. *Dicionário de lingüística e gramática: referente a língua portuguesa*. São Paulo: Vozes, 1977.

COLINA, S. *A constraint-based analysis of syllabification in Spanish, Catalan and Galician*. 1995. 254 f. Dissertation (Doctoral of Philosophy), College of Liberal Arts and Sciences, University of Illinois, Urbana-Champaign, 1995.

COLLISCHONN, G.; SCHWINDT, L. C. Considerações sobre a seqüência /sC/ inicial em português brasileiro. *Revista Lingua(gem)*, Macapá, v.2, n.2., p. 249-266, 2005.

GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental phonology*. 1976. Dissertation (Doctoral) – College Arts & Humanities Institute, Indiana University, Bloomington, , 1976.

HARRIS, J. W. *Syllable structure and stress in Spanish: a nonlinear analysis*. Cambridge: MIT, 1983.

INKELAS, S. *The representation of invisibility*. Stanford: Stanford University, 1989. Unpublished manuscript.

ITÔ, J.; MESTER, A. *Weak layering and word binarity*. Santa Cruz: University of California, 1992.

LEE, S. H. Teoria da Otimalidade e silabificação do PB. In: IBLER, V. B-I; MENDES, E. A. de M.; OLIVEIRA, P. M. de. (Org.). *Revisitações: edição comemorativa dos 30 anos da Faculdade de Letras -UFMG*. Belo Horizonte: UFMG 1999. p.143-156.

McCARTHY, J.; PRINCE, A. Faithfulness and reduplicative identity. In: BECKMAN, J. N; N.; URBANCZYK, S.; DICKEY, L. W. (Ed.) *University of Massachusetts Occasional Papers volume 18: papers in optimality theory*. Amherst: GLSA, 1995. p.249-384.

_____. The emergence of the unmarked. In: GONZALEZ., M. (Ed.). *Proceedings of the North East Linguistic Society 24*. Amherst: GLSA, 1994. p.249-384.

_____. Generalized alignment. In: BOOIJ, G.; MARLE, van. J. (Ed.). *Yearbook of morphology, 1993*. Dordrecht: Kluwer. 1993a. p.79-153.

_____. *Prosodic morphology I: constraint interaction and satisfaction*. New Brunswick: University of Massachusetts, Amherst & Rutgers University, 1993b. Não-publicado.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1986.

- PEPERKAMP, S. *Prosodic words*. The Hague: Holland Academic Graphics, 1997.
- PRINCE, A. S.; SMOLENSKY, P. *Optimality theory: constraint interaction in generative grammar*. Amherst: Rutgers University: University of Colorado-Boulder, 1993.
- SCHWINDT, L. C. *O prefixo no Português Brasileiro: análise morfofonológica*. 2000. 191f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- SELKIRK, E. The prosodic structure of function words. In: BECKMAN, J. N; N.; URBANCZYK, S.; DICKEY, L. W. (Ed.) *University of Massachusetts Occasional Papers volume 18: papers in optimality theory*. Amherst: GLSA, 1995.p. 439-469.
- VIGÁRIO, M. C. *The prosodic word in European Portuguese*. 2001. Dissertation (Doctor of Philosophy), Faculty of Letters – University of Lisbon, Lisbon, 2001.
- VILLALVA, A. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

Recebido em março de 2008

Aprovado em junho de 2008